

## DIÁLOGO – CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO NO ATO DA LEITURA E DA ESCRITA

Raquel Carneiro<sup>1</sup>

A palavra escrita, ao contrário, não é para quem ouve, busca quem a ouça; escolhe quem a entenda, e não se subordina a quem a escolhe.

O meu dever cultural é registrar pela palavra escrita, grafando como entendo que devo, o que pensei. Assim, se cria a cultura e portanto a civilização. (...) Com a publicação do meu escrito estou já, simultaneamente, em duas esferas – a cultural e a social: na cultural pelo conteúdo do meu escrito; na social pela acção, actual ou possível, sobre o ambiente.

Fernando Pessoa

**A** INTENÇÃO deste artigo é esclarecer o leitor a respeito de alguns pontos relativos às informações – e não às interpretações – da resenha<sup>2</sup> publicada, nesta revista, sobre o livro *Informática e Educação – representações sociais do cotidiano*<sup>3</sup>.

Penso que as interpretações são pessoais, mas as informações são, certamente, coletivas, portanto, tornam-se referência para que se possa entender, contextualizar e interpretar um texto.

Nesse sentido, apresento, inicialmente, as questões relacionadas ao conteúdo da referida resenha. Em seguida, busco ampliar alguns aspectos que envolvem o movimen-

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Uniso.

<sup>2</sup> Resenha elaborada por Renata Alves de Lima Brocco, aluna de mestrado em Educação da UNISO.

<sup>3</sup> CARNEIRO, Raquel Gianolla Miranda. *Informática e educação: representações sociais do cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002.

to de diálogo entre leitor e autor, considerando a relação tempo e espaço, que contextualiza e interfere nesse rico exercício de troca.

Como uma possibilidade de explorar mais atentamente o tema em questão, procuro discutir a ação e reação existentes no ato da escrita e da leitura, considerando os movimentos plenos de autoria.

As manifestações de diálogo entre autor e leitor são, necessariamente, oportunidades de crescimento intelectual e pessoal e quando há, como cenário, o cotidiano e suas representações sociais, nos faz sentir mais próximos da história coletiva, da qual somos atores. Dessa forma, cabe-me também, neste artigo, contribuir para que essas discussões permaneçam presentes no espaço acadêmico.

Aproveitar os meios disponíveis para alimentar o diálogo e o aprofundamento de questões é uma forma de se fazer presente, de se fazer sujeito.

### **Leitura, informação, interpretação: alguns pontos importantes a esclarecer**

A resenha publicada na edição anterior desta revista trata de forma clara e precisa as diferentes partes que compõem o livro, no que se refere aos capítulos iniciais da obra, pinçando as questões principais apresentadas em cada parte.

Há de se notar, porém, algumas informações imprecisas, quando a autora da resenha se refere aos capítulos 3 e 4, justamente os que tratam mais especificamente da pesquisa sobre a Informática na Educação e As Representações Sociais da Informática no Cotidiano. A mim cabe esclarecer tais questões.

Um dos pontos da pesquisa que fundamenta o livro em questão envolveu a leitura e análise de capas de revistas, com o objetivo de identificar representações sociais que poderiam, de certa forma, explicar a resistência ou a idolatria presentes nas manifestações acerca da informática na educação. Nesse sentido, é importante esclarecer que as revistas analisadas foram divididas em três categorias, como o texto publicado sugere: "Nessa perspectiva, analisei como as revistas brasileiras, sobre assuntos variados e as especializadas em educação, falam sobre o tema 'informática' e como as revistas voltadas para a área de informática abordam o assunto 'educação'". (Carneiro, 2002, p. 75)

Optei por analisar, primeiramente, as capas das revistas de notícias gerais, identificadas como sendo de grande circulação nacional. Em seqüência, busquei identificar outros tipos de revistas, direcionadas a um grupo mais específico de pessoas: usuários de computador e profissionais da educação, explorando como os assuntos informática e educação são apresentados.

O texto resenhado, porém, informa de maneira equivocada a característica do objeto da pesquisa, afirmando serem as revistas *especializadas em informática e educação*, o que modificaria todo o foco de estudo.

Sobre as análises das imagens definidas acima, pudemos observar que é nas revistas de assuntos gerais e de circulação nacional que aparecem, com maior evidência, representações de gênero (sexo masculino) e de classe social (classe média e alta), relacionadas com o uso da informática. É importante ressaltar que essas representações

não são afirmações da autora e sim representações apresentadas nas capas de revistas mencionadas, vale dizer, de forma enfática.

Sobre a utilização de computadores nas escolas públicas, o assunto está cuidadosamente explorado no capítulo intitulado Os caminhos e descaminhos da educação, onde é abordado o papel da informática na educação e também as iniciativas governamentais de implantar os computadores na rede pública.

Certamente, as possibilidades de troca entre leitores e autores, propiciadas pela publicação de escritos, vão além das informações que obtemos por esses meios. Cabe, neste momento, analisar mais atentamente essa questão.

### **Leitor e autor: o movimento do diálogo**

O movimento de diálogo entre leitor e autor pode acontecer a partir de diferentes linguagens, apresentadas sob uma diversidade de formas e características. Constituem-se, assim, importantes possibilidades para estimular a continuidade de exploração de uma idéia.

Cada forma escolhida concretiza esse movimento, imprimindo um sentido de tempo e espaço, que consolida e caracteriza a comunicação das idéias. Assim fazemos com as resenhas, artigos e discussões acadêmicas. Nesse diálogo, o referencial tempo parece poder propiciar uma escrita mais refletida, mais estudada. O tempo/espaço de contato com as idéias entre o leitor e o autor alternam-se, pois o pensamento de um só se torna disponível para o outro, quando o texto for entendido como finalizado. As trocas, portanto, são mais pausadas e em tempos mais espaçados.

Na contemporaneidade, talvez, a aproximação mais importante que nos é posta é a possibilidade de oferecermos um contato direto de trocas com o leitor por meio do correio eletrônico.

Esta possibilidade nos revela um modo muito especial de diálogo entre aquele que escreve e aquele que lê, quando a distância territorial se faz presente ou quando os autores deste cenário ainda não se conhecem para além das linhas do texto lido. Quantas idéias escritas e tantas outras multiplicadas quando lidas. Todas passíveis de serem princípios de um diálogo cujo assunto pode não ter fim. Nesse exercício, temos uma oportunidade ímpar de estabelecer uma relação viva de troca e de interpretações a partir do referencial de uma escrita. Esse contato estabelece um momento mágico para autor e leitor.

Mas, assim como outros modos de registro, a troca de mensagens eletrônicas pode trazer alguns prejuízos quanto ao cuidado com a escrita em virtude de seu caráter temporário e informal. Prejuízo também em relação à profundidade e à velocidade das afirmações trocadas, se pensarmos que a cultura do meio em que se escreve impõe o tempo previsto para as trocas virtuais. É importante observar, no entanto, que o diálogo aqui existente se faz na construção das idéias colocadas por ambos – leitor e autor, no tempo das perguntas de um que são alimentadas pelas respostas do outro. O cuidado com o texto escrito torna-se menos importante em meio à tentativa de acompanhar o ritmo das idéias e das trocas coletivas.

Portanto, independentemente da forma, espera-se que tais oportunidades explorem ao máximo as idéias e que propiciem possibilidades de interpretações, que dêem continuidade às questões apresentadas, aprofundando-as e ampliando as perspectivas de reflexão; que contribuam com a transcendência das palavras e dos sentidos e que aproximem os leitores do movimento de ação e reação.

### **Escrita e leitura: exercícios de autoria**

O movimento da escrita de um texto parte do desejo de dialogarmos com nossos pensamentos a fim de elaborá-los, primeiramente, num exercício interior de compreensão. Pode surgir a partir de um estudo, da necessidade de se dialogar consigo e com o outro, pois não há conhecimento se não há o movimento da troca.

Se penso é porque duvido, estudo porque busco conhecer e, conhecendo, conheço-me. Escrevo porque desejo coesão, encontro, aproximação e relação do novo com o velho. Primeiramente para mim, mas há também a tentativa da busca para encontrar um outro que se aproxime das idéias ou que as conteste, que ouça com o espírito, que seja atingido pela leitura, que se comunique com as palavras, que se recrie na interpretação.

A escrita consciente, participante, o cuidado com o ajuste das palavras, dos termos, dos conceitos, faz-se num exercício constante do entender e se fazer entendido, do compreender e se fazer compreendido, do salto que ilumina as idéias e abre novas perspectivas para o diálogo com o leitor. É nela que elaboro meus pensamentos, que firmo minhas convicções para que se façam esclarecedoras para quem as lê.

Na escrita estamos sós, internamente conosco. Ao mesmo tempo, estamos com o mundo, nos remetendo aos autores que fundamentam nossos pensamentos e que acabam por fazer parte de nossas escolhas de vida. Estamos abraçados com a história da vida do homem, com a nossa história, formando e transformando a identidade de nosso ser. Estamos com nossas certezas, nossos medos, nossas convicções que nos impulsionam a escrever, a registrar. O ato da escrita é, em si, um ato de reflexão, de ajuste do pensamento, de ordenação e de verificação. É o momento em que verificamos a inteligibilidade de nossas constatações. "A palavra escrita (...) se propõe a vencer o tempo e o espaço, indo a outros lugares que o onde estamos, a tempos futuros ao em que vivemos". (Pessoa, 1999, p.27)

Em contrapartida, a leitura é o movimento esperado de quem escreve e este o faz para ser lido, para provocar sentidos<sup>4</sup>. Sentidos esses inesperados, imprevistos, porque partem de outras histórias, outras bocas, outros ouvidos. Na leitura, as palavras de um autor renascem, dentro de um outro contexto, num outro momento, portanto, dentro de um outro significado. Entramos num jogo de interpretação, onde os adversários se encontram em tempos diferentes, as regras variam de acordo com o momento, com a cultura, com a história e com a intenção do leitor e do autor. Sobre o assunto, Fazenda (1994, p. 54-59) nos assinala que a palavra possui relações com o mundo, com o encontro, com a ação e com o valor. Através da leitura, o homem aumenta o seu

<sup>4</sup> Refiro-me ao conceito de sentido, cuidadosamente, explorado por Gaston Pineau em "O sentido do sentido" a partir da sensação, do significado e da direção utilizando-se de metáforas.

universo de discurso. Com isto, multiplica suas visões e aspirações sobre o mundo. E, assim, trazem um pouco de si e levam um pouco de nós.

Ser lido é uma possibilidade que provoca os autores, entendidos como pessoas que assinam e assumem os movimentos de sua vida e de seus atos. Sujeitos autores de seu tempo, de suas idéias, de seus sonhos, de suas atitudes, de suas escolhas; autores, sujeitos.

A sincronia esperada entre leitura e escrita provoca-nos, autores, ao exercício da maestria de encontrar o ponto onde aguçamos os sentidos do leitor para que sua leitura o mova na busca de outros significados. É um movimento difícil e desafiante. Cabe a quem escreve a escolha do quanto devemos nos mostrar e nos esconder no texto.

Martins (1982, p. 31) nos fundamenta a idéia acima, quando afirma que “a leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele”. Assim, juntamos, na virtualidade do ato de ler, os sujeitos que nos formam e as idéias que nos acompanham. E então nos revelamos, ao mesmo tempo em que o texto se revela.

Dar um sentido ao texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e do seu leitor (...) esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (Martins, 1982, p.33).

Assim, para que o leitor transcenda o texto e se movimente no exercício de descobrir e descobrir-se, depende não só do texto lido, mas da ação e da reação daquele que lê.

Um texto provoca os sentidos de quem o escreve e de quem o lê; depende do repertório social e cultural de quem dele se apropria; permite tanto a racionalidade de investigar seus fragmentos isolados, quanto a sensação de buscar uma idéia geral. Depende, portanto, da intenção do leitor e do autor. Depende também da disposição de enxergar bem e relacionar as páginas do que escrito está e o que se esconde nas entrelinhas; do que está previsto nas regras gramaticais e do que se mostra parceiro dos pressupostos vividos. Um texto tem a vida que o leitor pinta a partir das pinceladas que o autor esboça. Um texto tem princípio, mas se transforma a cada leitura, portanto, a leitura é também uma autoria.

E todo esse movimento de escrita, leitura e releitura é feito exaustivamente no ato de escrever e publicar um livro. Encontramos uma oportunidade de explorar as palavras, divulgar uma mensagem na qual acreditamos e, portanto, desejamos compartilhar. Quem sabe seja a maior oportunidade de quem usa a escrita para aproximar, comunicar ou desestruturar com suas idéias.

Nesse sentido, torna-se um pouco difícil ou até conflitante com o que foi acima discutido, explorar interpretações advindas de um texto lido sem o diálogo com o leitor, pois vimos que cada um estabelece a relação com um texto de acordo com sua experiência vivida e com sua intencionalidade presente. Cada um se enriquece com trechos que lhe saltam aos olhos. E que viva presente essa riqueza diversa!

Assim, penso ter contribuído com a leitura atenta das questões colocadas, sem a intenção de explorar ou limitar as possibilidades interpretativas dos leitores, tão impor-

tantes para o aprofundamento das idéias, dando-nos a oportunidade de pensar em transformação e parceria.

Convido a todos, portanto, ao exercício da investigação curiosa dos sentidos das palavras escritas e as possibilidades tão ricas e esperadas entre leitor e autor. E que viva o rico movimento do diálogo. Sempre!

#### REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, R. G. M. **Informática e educação**: representações sociais do cotidiano. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 7.ed. Campinas: Papirus, 1995.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PESSOA, F. **A língua portuguesa**. Organização Luiz de Medeiros. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PINEAU, G. O sentido do sentido. In: NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.